

Jornalismo Político-Literário na obra de Eliane Brum¹

Ana Resende QUADROS²

Doutoranda

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Em 2019, primeiro ano da gestão de Jair Bolsonaro, a reconhecida jornalista Eliane Brum decidiu mudar de gênero. No lugar de suas colunas com traços de jornalismo do “desacontecimento” com traços do jornalismo literário, ela se volta para o jornalismo político. Mas seria possível que, ao fazer isso ela retome características da clássica era político-literária retratada por Habermas? Para responder a essa pergunta este artigo fará uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin do texto “o ‘mártir’ governa”, de abril de 2019.

Palavras-chave: História da Mídia Impressa; Jornalismo Literário; Jornalismo Político; Eliane Brum.

Introdução

O Jornalismo é uma área marcada por transformações. Se, a princípio, a área estava intensamente ligada ao debate político (HABERMAS, 1984), do século XX até hoje o jornalismo se ligou às teorias positivistas e tenta passar as impressões de imparcialidade e objetividade por meios de rituais estratégicos (TUCHMAN, 1996), mesmo que a política nunca tenha de fato saído dos periódicos.

Ao longo do tempo, também tiveram jornalistas que investiram em estilos menos ligados à objetividade e com uma parcialidade explícita, como os do estilo Jornalismo Literário. Esses repórteres tentavam incluir elementos da literatura para criar relatos mais profundos e humanos no jornalismo (PENA, 2013). Vários estilos surgiram dentro deste gênero, incluindo o Jornalismo do Desacontecimento, proposto por Eliane Brum.

A jornalista gaúcha é uma das mais premiadas do Brasil. Seu estilo propõe dar destaque àqueles que são esquecidos pelo noticiário e para a sociedade, chamados por ela de invisíveis. A reportagem de Brum descreve os espaços, os objetos, as personagens, imprimindo as visões da jornalista. Suas entrevistas abrem espaço para que o entrevistado diga o que quiser dizer. Em seus textos, Brum reflete e convida para que o leitor faça o mesmo. Assim, ela mostra que não pretende retratar “a verdade”, e sim, “uma de muitas verdades”, quebrando, segundo Fonseca (2013), as barreiras do Positivismo.

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: anarquadros@gmail.com

Contudo, em 2019, Eliane Brum ganhou o prêmio Comunique-se na categoria “Nacional – mídia escrita”, destinado a jornalistas que atuam na editoria de política nacional. Esse fato dá origem a algumas perguntas, como: é possível conciliar o Jornalismo Literário e do Desconhecimento com o Jornalismo Político? E será que, ao adota este novo estilo, Eliane Brum retoma características da época em que o jornalismo era político e literário?

Para responder a estas perguntas, este artigo recorreu a uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (2011). Esta técnica busca verificar os elementos constitutivos de um documento com o objetivo de encontrar padrões e produção de inferências. Na definição mais corrente hoje, a análise de conteúdo envolve tanto uma análise quantitativa quanto qualitativa. Essa é a principal diferença entre a análise de conteúdo e outros métodos de interpretação. A quantidade pode revelar conteúdos que serão interpretados posteriormente. A primeira medida é selecionar categorias de análise (rubricas significativas). Analisam-se temáticas, formas e estruturas, tendo como principal foco a análise de mensagens. Nesta pesquisa estabelecem-se como categorias de análise as seguintes: 1 - Narrativas jornalísticas (de que forma se assemelha ou se diferencia da narrativa tradicional lead, estrutura da notícia, jornalismo declaratório); 2 – o caráter opinativo do texto (como se diferencia ou não de outras colunas políticas); 3 – elementos empregados do jornalismo literário.

Por tratar-se de um artigo, será feita a análise de uma única coluna, intitulada “O ‘mártir’ governa”. Este texto foi publicado por Eliane Brum no jornal global El País em abril de 2019. Ele foi escolhido por ser indubitavelmente uma coluna política e já apontar em seu título possíveis conexões com o Jornalismo Literário.

Origens do Jornalismo

Embora muitas vezes o conceito de jornalismo seja confundido com o de jornal e possa abranger até mesmo outras áreas da comunicação como a publicidade e as relações públicas, Melo (1985) acredita que se pode definir a área como:

[...] um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos) (MELO, 1985, p.10).

É possível elencar quatro pilares do jornalismo: a atualidade, a difusão, a periodicidade e a universalidade. Observa-se que entre os pilares citados por Melo (1985) não se encontra o acontecimento. De acordo com o dicionário Michaelis de Língua

Portuguesa, “Atual” é aquilo que existe no tempo presente, enquanto “Acontecimento” é um fato, um evento.

Isso explica porque foram consideradas as primeiras manifestações de jornalismo, no século XV, os textos publicados em panfletos que visavam a propagar ideias políticas. Essa primeira fase do jornalismo, que durou até o século XVII, foi chamada por Habermas (1984) de imprensa artesanal ou informativa, uma vez que os jornais funcionavam mais como classificados, divulgando notas sobre casamentos, nascimentos, mortes etc. Essas publicações se assemelhavam aos classificados da atualidade e, apesar da parca presença das notícias como as entendemos hoje, essa fase simbolizou uma mudança no polo da informação. Isso porque até aquele momento, segundo o autor, cabia aos sacerdotes a disseminação de informações, fazendo predominar, até aquele momento, a lógica religiosa.

Segundo Melo (1985), foi apenas com a ascensão da burguesia que o chamado “autêntico jornalismo” surgiu a partir do século XVIII. Foi nesse momento que se compreendeu a informação como um importante instrumento político. Predominou-se, então, o estilo francês de fazer jornalismo, opinativo e incentivador do debate, em detrimento do estilo inglês, com tendências informativas para evitar a censura.

Foi nesse período marcado por jornais como um espaço de debate e embates entre a burguesia e a aristocracia que esse tipo de publicação começou a ser produzido em massa. O motivo era a ambição dos burgueses de tomar o poder dos aristocratas. Para tanto eles passaram a usar os jornais para difundir suas ideologias. Habermas (1984) chamou de “imprensa político-literária” o jornalismo que foi feito durante os séculos XVIII e XIX.

O nome se justifica dada a forte conexão entre jornalismo e literatura neste período. Resende (2008) observa que a imprensa no século XIX fazia uso de sátira e humor para atrair o público, usando a ridicularização dos personagens políticos como ferramenta de formação de opinião e de criação de consenso. A autora relata que, em 1838, o jornal O Parahybuna denominava os deputados com nomes atribuídos pelo redator. Assim, Manoel Inácio de Mello e Souza é tratado apenas pelo apelido Mané Pança, Bento de Araújo Abreu se torna Matraca, Theófilo Benedito Ottoni é Tiple, Joaquim Fernandes Torres é tratado apenas por Mentira. Todos esses homens, ridicularizados nas páginas de um jornal da fase político-literária, eram membros da Assembleia Provincial de Minas Gerais, considerados parte da elite política mineira à época.

Mas a ligação mais conhecida entre jornalismo e literatura são os folhetins, que estavam no auge de sua popularidade no século XIX. Segundo Travancas (2001), o estilo perde sua força com a chegada do século XX, quando o jornalismo passa por incontáveis transformações. Nos anos 1950, a literatura restringe-se a cadernos ou suplementos literários, cada vez mais raros por serem tidos como luxo por diversas publicações.

Ainda que os folhetins tenham deixado as páginas dos jornais apenas em meados do século XX, desde o fim do século XIX o jornalismo começa a se aproximar do que conhecemos hoje. É nesse período que, acompanhando a tendência de outros setores, os jornais tornam-se grandes empresas e passam por uma concentração. Se na segunda fase havia uma ênfase no debate político, que tinha até mesmo um fim pedagógico, na terceira fase, com a burguesia estabelecida no poder, os jornais passam a priorizar o lucro (HABERMAS, 1984).

Essa maneira de se fazer jornalismo, pautada pela objetividade, desconectado de entidades políticas e mais ligado à lógica de mercado, ficou conhecida como modelo americano. Foi nesse momento que se assumiu o discurso do jornalismo como o retrato da realidade tal qual ela é.

Para atingir esses objetivos, os jornalistas passaram a usar uma metodologia padronizada que envolvia ouvir e citar fontes, dispor informações por ordem de importância e responder no primeiro parágrafo seis perguntas sobre o fato: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

Assim, o jornalismo vai de fato assumindo uma identidade marcante contrária à dos produtos de ficção e fantasia. [...] Com tais credenciais, ele participa ativamente da crença de ser um reformador social, adquirindo, na vigência democrática, o estatuto de vigilante do poder político e de porta-voz da sociedade. Assim, o jornalismo passa a formular a respeito de si próprio um discurso que o associa ao compromisso de “dizer sempre a verdade e nada mais que a verdade” (BULHÕES, 2007, p. 23).

Percebe-se que o trabalho do jornalista se assemelha ao ofício do cientista. Essa aproximação não é por acaso. As características que moldaram o jornalismo americano decorrem de um movimento que ocorreu na segunda metade do século XIX, o Positivismo. Criado por Auguste Comte, o Positivismo pregava que as relações e os comportamentos das pessoas poderiam ser estudados da mesma maneira que eram abordadas as ciências naturais, gerando, ao fim da pesquisa, leis imutáveis que regem os fenômenos humanos. “Um jornalismo sob o influxo das ideias Positivistas de Comte só pode ser o que nutre uma paixão pela materialidade e a concretude da vida” (BULHÕES, 2007, p.70).

Surge, nesta época, a Teoria do Espelho, que consiste na ideia de que o jornalismo seria o reflexo da realidade. Traquina (1993) explica que esta noção se desenvolveu em meados do século XIX, época em que predominavam os conceitos positivistas, e aprofundou-se no século XX, após a Grande Guerra. Acreditava-se que o jornalista seria um observador imparcial dos acontecimentos, desde que se apoiasse na objetividade.

A Teoria do Espelho ignora, porém, o que alguns jornalistas como Eliane Brum já perceberam: o real é inapreensível. Os jornalistas, de acordo com Traquina (1993), ajudam a construir a realidade, uma vez que a notícia e o acontecimento criam-se um ao outro em igual proporção. As narrativas escolhidas para os textos jornalísticos, como a pirâmide invertida, as perguntas do lead (o quê? quem? quando? onde? como? e por quê?) dão destaque a diferentes pontos do acontecimento e o jornalista escreve a partir de suas percepções. Portanto, a narrativa ocorre pela contenção dos fatos, impedindo que o jornalismo seja um reflexo do real.

A partir da concepção da Teoria do Espelho, Tuchman (1996) aponta alguns rituais estratégicos utilizados pelos jornalistas para passar ao espectador ou leitor uma aparente objetividade e assim legitimar o discurso jornalístico. Dessa forma, o público deixaria de lado suas barreiras e incorporaria o discurso midiático sem questionamento.

Dentre os pontos citados por ela estão a apresentação da possibilidade de conflito, que acontece quando o jornalista entrevista várias pessoas sobre um determinado assunto. Quando os entrevistados têm visões coincidentes sobre o tema, é gerada uma ideia de verdade sobre o que foi dito. Pode-se ainda somar provas auxiliares, ou seja, documentos e dados que possam ratificar o que foi dito pelos entrevistados.

Mesmo citações podem ser usadas de forma judiciosa, como explica Tuchman (1996). Para não fazer uma afirmação, o jornalista pode usar em seu texto a fala de outra pessoa. Mesmo que outros elementos do texto possam questionar o que foi dito, uma outra estratégia pode ser empregada para que o leitor tenha a impressão de que uma opinião é mais relevante que a outra: a organização do texto. A escrita jornalista, como lembra a autora, é feita no formato de pirâmide invertida, no qual as informações mais relevantes são dadas primeiro e as menos importantes são deixadas para o fim do texto. Essas características que permitiram ao jornalismo um tom de verdade, de objetividade e de imparcialidade deram um grande poder a este campo.

Para se colocar no jogo midiático, é necessário seguir as suas regras. Gomes (2004) escreve que uma das maneiras mais efetivas de se introduzir na mídia é utilizando os critérios

de noticiabilidade. É o extraordinário, somado ao belo, que vai chamar a atenção da imprensa e do público. Portanto, a política arranja para que seus fatos sejam impactantes e atrativos, um verdadeiro show, um espetáculo. Por essa razão é comum ver comícios que contem com apresentações de artistas.

Existem cada vez menos notícias espontâneas do mundo da política, fatos que não tenham sido pré-fabricados para atrair o olhar dos noticiários. Ao mesmo tempo, os próprios jornalistas se encarregam de criar narrativas dramáticas para o cenário político, criando mocinhos e vilões, ou, como é mais comum, caracterizando todos os atores políticos como mal-intencionados e o próprio jornalista como o arauto da verdade (GOMES, 2004).

Jornalismo Literário

A construção da narrativa política, como apresentada pelos autores, muito se assemelha aos enredos literários. A razão disso é que, mesmo com espaço restrito dado ao caminho positivista tomado pelo jornalismo, a literatura nunca esteve totalmente apartada dos jornais. Aos textos que unem características da literatura e do jornalismo foi dado o nome de Jornalismo Literário. Essa modalidade serve como alternativa aos repórteres que querem fazer um jornalismo diferente do que tem sido visto hoje.

Na verdade, o mundo dominado pela lógica capitalista tornou complexo e raro fazer um jornalismo comprometido com a coletividade, como propunham os americanos. Dos tabloides às grandes mídias a regra é a espetacularização e o sensacionalismo (PENA, 2013).

Além disso, percebe-se a preocupação das empresas quanto à redução de seu pessoal. Tal fato obriga os profissionais da imprensa a abusarem do uso de tecnologias para ter acesso a fontes, já que, somente desta maneira, conseguem fechar todas as matérias dentro do *deadline* estipulado. Contudo, muito se perde nessa nova forma de contato.

Se o telefone e a internet são invenções geniais, não há tecnologia capaz de tornar obsoleto o encontro entre o repórter e seu personagem. Se isso acontece, é por distorção. Esse olhar que olha para ver, que se recusa a ser enganado pela banalidade e que desconfia do óbvio é o primeiro instrumento de trabalho do repórter. Só pode ser exercido sem a mediação de máquinas (BRUM, 2006, p.190).

Segundo Pena (2013), o Jornalismo Literário volta às raízes do jornalismo diário, utiliza de seus saberes e técnicas para criar um jornalismo mais profundo. Ainda é crucial a apuração rigorosa dos fatos, somada à observação atenta (que não poderia ser feita por telefone), mantendo sempre a abordagem ética.

Pena (2013) explica que os relatos presentes nos textos devem transcender o cotidiano. O jornalismo incorpora a perenidade da literatura. O fato não precisa ser uma novidade. No Jornalismo Literário importa que o texto proporcione ao leitor uma visão ampla da realidade. Para isso, a contextualização deve ser o mais abrangente possível. O autor deve relacionar as informações, compará-las, mostrá-las sobre outras perspectivas.

Entre os critérios de noticiabilidade do jornalismo literário está, em primeiro lugar, a cidadania. Os temas escolhidos devem contribuir para a formação do leitor como um cidadão e trabalhar para o bem comum.

O texto exige criatividade em sua construção. É preciso fugir da fórmula jornalística de escrita e buscar na literatura maneiras de tornar a narrativa mais atraente. A busca por pessoas comuns e por fontes não tradicionais pode ajudar nesse quesito, além de ampliar os pontos de vistas abordados.

Tais características são as sete pontas da estrela do Jornalismo Literário apontadas por Pena (2013): a potencialização dos recursos do Jornalismo, ir além dos limites dos acontecimentos cotidianos, exercer plenamente a cidadania, buscar novas fontes para entrevistas, fazer um lead diferenciado, proporcionar visões amplas da realidade e, sobretudo, garantir profundidade e perenidade aos relatos.

A opinião no jornalismo

O jornalismo literário não tem medo em admitir sua parcialidade, não é à toa que muitas vezes textos desse gênero se encaixam nas seções de opinião dos jornais. Melo (1985) escreve que o jornalismo opinativo guarda semelhanças com o jornalismo pré-industrial. Para o autor, esse gênero pode abrir espaço para a circulação de diferentes pontos de vista à medida que ele se origina de quatro núcleos: o da empresa, o do jornalista, o do colaborador e o do leitor. É comum, no Brasil, que gêneros opinativos como o comentário, a crônica ou a resenha sejam chamados de colunas, pois esse termo é entendido como todas as seções fixas do jornal.

Coutinho (2005) ressalta a possibilidade de encontrar diferentes modelos de coluna dentro de um mesmo jornal, podendo ser escrita no formato de pequenas notas e um texto introdutório e outra com o tamanho mais próximo do de uma reportagem. Ademais, com a ascensão do gênero as colunas passaram a também poderem ser escritas por colaboradores não titulares, já que com a personalização da notícia valeria mais a identidade do transmissor do que a informação em si.

Uma possível resposta para a popularização das colunas seria, como explica Castilho (*apud* Coutinho, 2005), a necessidade de ordenação da avalanche de notícias causada pela massificação da informação. Assim as colunas teriam o papel de destacar o que é importante dentro do noticiário, em especial no campo da política.

Coutinho (2005) observou que existe uma tendência de as colunas pautarem o próprio jornal. Segundo a autora, as colunas, frequentemente, antecipam os fatos, uma vez que elas são tidas como relevantes na formação de opinião do público. Em sua pesquisa Coutinho relata experiências de repórteres que se tornaram colunistas e passaram a ter uma melhor relação com as fontes, ainda que estas passassem as informações em off. Alguns colunistas contam que até mesmo o público passou a fazer mais contato com eles para pedir informações e tirar dúvidas.

Ao entrevistar parlamentares que tiveram seus nomes citados nas colunas estudadas por Coutinho (2005), a autora percebeu que também os políticos acreditam se pautar pelas colunas, ainda que não possa ser medido até que ponto as colunas realmente interferiram em suas ações.

Com o olhar direcionado às colunas jornalísticas de notas, seu processo de produção e recepção, é inevitável o reconhecimento de seu papel de referência não apenas no que diz respeito ao espaço público aqui considerado genericamente, mas sobretudo na relação com os próprios profissionais da imprensa. Área de status valorizado por leitores de um modo geral e também por fontes da arena política, como evidenciado nas entrevistas, as colunas e, conseqüentemente seus responsáveis, ocupam uma posição de destaque nessa dinâmica do fazer jornalismo diário (COUTINHO, 2005, p.90).

Para a autora as colunas podem fazer uso de estratégias que não são permitidas ao jornalismo diário e isso vai além da possibilidade do autor de expressar sua opinião. Em verdade, segundo Coutinho (2005), as colunas podem ser consideradas como um “parlamento de papel”, ocupando uma posição de destaque no jornal impresso.

A importância das colunas foi levada para a internet por intermédio dos blogs de opinião mantidos por jornalistas reconhecidos. Essa categoria ganhou força a partir de 2005, quando estourou o chamado escândalo do mensalão. De acordo com Aldé et al (2007), os jornalistas-blogueiros ganharam um papel de autoridade sendo vistos como aptos para pautar o debate público e para desvendar os bastidores do mundo da política, assim como ocorria com os colunistas dos jornais impressos. Para os autores a possibilidade de atualização imediata proporcionada pela internet torna os blogs ainda mais atrativos. Ademais, a participação dos blogs na construção das narrativas dos escândalos políticos os caracteriza

como um “híbrido entre a atualidade jornalística e a crônica pessoal” (ALDÉ et al, 2007, p.31).

Outro ponto que aproximam os blogs das colunas é a relação mantida com os políticos, que servem como fonte de informação. Por outro lado, diferente do que ocorre com as colunas políticas, os blogs têm destaque nos portais jornalísticos, que, como apontam Aldé et al (2007), remetem a eles em suas primeiras páginas. Os autores avaliam que os blogs não estão presos ao objetivismo do jornalismo, servindo quase como uma mesa de bar, onde os blogueiros fazem suas análises e os leitores podem comentar o que pensam a respeito do que foi escrito. Essa interação é incentivada pelo próprio portal onde o blog se hospeda, ainda que os comentários possam passar por algum tipo de moderação.

Aldé et al (2007) destacam que os jornalistas-blogueiros apenas iniciam a discussão, não participando dos debates estabelecidos pelos leitores nos comentários. Essa postura permite que eles sigam se dizendo imparciais e apartidários. Ainda assim, existem jornalistas respondem que alguns de seus leitores. Os autores explicam que por vezes essa relação entre blogueiro e leitor é complicada pelo anonimato do segundo. Sem poder ser responsabilizado, o anônimo se sente livre para dizer qualquer coisa. Por outro lado, muitos leitores cobram que os jornalistas-blogueiros se posicionem politicamente de forma mais clara.

Quem é Eliane Brum

Eliane Brum está entre os jornalistas que não tem medo de expressar suas opiniões claramente. Ao longo de seus mais de trinta anos de carreira Brum se propôs a enxergar o invisível aos olhos comuns e fazer reportagens que dão lugar de notícia a temas que seriam ignorados pelos noticiários. Segundo ela “o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir a verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. [...] cada Zé é um Ulisses. E cada vida uma *Odisseia*” (BRUM, 2006, p. 187).

Seria esse olhar que a permitiria dar espaço aos que não têm voz, contando histórias nunca antes escritas ou dando um novo ângulo a temáticas que são sempre tratadas da mesma forma. Brum diz passar a desconfiar dos heróis e só achar graça neles quando se aproximam do humano. Para a jornalista um olhar que não é ingênuo, é capaz de ver o extraordinário no ordinário e o comum no incomum. Ela explica ainda que, antes de se enxergar o extraordinário nos outros, precisa-se vê-lo em si mesmo. “Quem é capaz de olhar para a própria vida com generosidade torna-se capaz de alcançar a vida do outro” (BRUM, 2006, p. 188).

Fonseca (2013) observa que a jornalista, muitas vezes, utiliza a primeira pessoa, ainda que de forma sutil e sem exibicionismo. Brum dá a voz ao outro por meio de seu olhar. Ela é apenas uma testemunha que dá o depoimento do que aconteceu com o outro, não escondendo sua parcialidade.

Essa proposta marcou a carreira de Brum como repórter e estava presente em seus três primeiros livros: *Coluna Prestes o avesso da lenda* (1994), *A vida que ninguém vê* (2006) e *O olho da rua* (2008). As reportagens foram em parte deixadas de lado a partir de 2010, quando ela passou a atuar como cronista freelancer da *Época*. Mais tarde, em 2013, a jornalista também publicou uma coletânea de crônicas no livro *Menina Quebrada*. Entre seus outros livros estão a autobiografia *Meus Desacontecimentos* (2014), a ficção *Uma, Duas* (2011) e *Brasil, construtor de ruínas* (2019).

A jornalista também já produziu cinco documentários. O primeiro deles, *Uma história Severina*, que estreou em 2005, abordava o polêmico tema da interrupção da gestação em caso de anencefalia e ganhou 17 prêmios nacionais e internacionais. Além disso, é uma das diretoras do primeiro documentário brasileiro da Netflix, *Laerte-se*, que aborda a vida da quadrinista Laerte depois de ter se revelado mulher.

Desde novembro de 2013, Eliane Brum assina uma coluna quinzenal no site do jornal global *El País*, que é publicada tanto na versão brasileira quanto nas versões espanhola e latino-americana do portal jornalístico. Além disso, Brum também é colaboradora do jornal britânico *The Guardian* e desde 2018 escreve quinzenalmente para a versão impressa do *El País* de Madri.

Os textos de Eliane Brum são bastante populares no *El País*. De acordo com dados conseguidos por Vivar e Abib (2018) com o jornal. Os 10 textos mais lidos de Brum em 2016 tiveram mais de um milhão de acessos únicos naquele ano. O texto mais lido, ainda de acordo com a pesquisa de Vivar e Abib (2018) teve mais de 200 mil acessos únicos.

A postura de Eliane Brum é bastante compatível ao do importante jornal espanhol, que sempre é associado ao progressismo. Apesar disso, o *El País* – surgido em 1976, logo após a retomada da democracia na Espanha – se propunha a não ser nem de direita nem de esquerda e sim um jornal plural que atraísse jovens leitores. Juan Luiz Cebrián, seu fundador, queria, com esse discurso de imparcialidade, conquistar o respeito tanto das elites quanto pelas pessoas comuns, tornando-se um importante fundador de opinião (ARIAS, 2017).

Devido aos anos de repressão vividos pela Espanha no período franquista, quando os espanhóis não conseguiam ter acesso às informações do restante do mundo, o *El País* decidiu

dedicar grande parte de suas páginas às coberturas internacionais. Até hoje o jornal conta com um amplo grupo de correspondentes internacionais. Apesar de se afirmar totalmente imparcial, Arias (2017) explica que o *El País*:

Sempre foi, e continua sendo, um jornal comprometido com a democracia e a defesa das minorias marginalizadas. Um jornal laico, que sempre defendeu a separação entre a Igreja e o Estado. Liberal na economia, progressista no campo social, crítico em relação aos poderes civis e religiosos, fiel na defesa dos direitos humanos. E, sobretudo, plural em suas ideias. Algo que sempre esteve claro para todos nós, que trabalhamos nele, é que o EL PAÍS é dos leitores. De todos. São eles os seus verdadeiros proprietários. Os jornalistas são apenas os mediadores da notícia (Ibid).

O *El País* chegou ao Brasil em novembro de 2013, cerca de uma no depois da versão americana. Hoje, como afirma Jiménez (2020), 40% do público do site do jornal vem da América. Em 2020 o jornal que até então era gratuito passou a cobrar mensalidade para aqueles que quiserem acessar as versões em espanhol do site. A versão brasileira segue gratuita, por enquanto, mas já foi anunciado que cobrarão mensalidades.

Com mais de 400 jornalistas em sua equipe o *El País* se orgulha, segundo Jiménez (2020) de ter profissionais alinhados com seus ideais de ousadia, democracia e defesa da justiça social. O veículo também valoriza ter em sua equipe colunistas renomados, como Gabriel García Marques e Fernando Salvater.

Atuando como colunista no *El País*, Vivar e Abib (2018) acreditam que Brum pode somar aos seus textos a opinião e as possibilidades de ampliação de vozes trazidas pela internet. Segundo os autores, isso permitiu que as colunas de Brum fossem um espaço de experimentação no qual não havia um formato fixo de texto.

Essa experimentação permite a criação de um “estilo Eliane Brum” de escrita de colunas que, de acordo com Antônio Jemenéz Barca, diretor do *El País* Brasil entrevistado por Vivar e Abib (2018) é um misto de reportagem, coluna de opinião e crônica. O tradutor dos textos de Brum, Óscar Curros, concorda com Barca.

As colunas dela são textos muito complexos, porque a gente ainda chama de coluna, mas, na verdade, é quase um gênero novo, porque, em muitos casos, é uma grande reportagem, ou ensaios, e até metarrelato, porque muitas vezes ela fala de como ela constrói as histórias, a perspectivas dela. Muitas das colunas envolvem uma parte de reportagem e uma parte de opinião também. Acho que, talvez, o que elas mantêm de coluna, de maneira muito clara, é a transparência da autora (*apud* VIVAR e ABIB, 2018, p. 31).

Para Vivar e Abib (2018) o gênero criado por Brum é o Jornalismo do Desacontecimento, caracterizado por uma visão complexa, que não busca respostas fáceis e sim o aprofundamento de todas as questões tratadas no texto. Esse pensamento complexo,

segundo os autores, faz com que a jornalista leve seus debates para outras áreas, diferenciando-se dos demais ao problematizar questões e ampliar horizontes.

Contudo, o trabalho de Brum mudou significativamente em especial no ano de 2019, quando se dedicou a falar mais sobre o contexto político brasileiro. Um dos indicativos dessa mudança foi sua nomeação e vitória no prêmio Comunique-se 2019 na categoria “Nacional – mídia escrita”, destinado a jornalistas que atuem na editoria de política nacional. Em 2018 ela havia ganhando o mesmo prêmio na categoria “Colunista de opinião”³.

Nesse contexto, este artigo se propõe a fazer uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (2011) do texto “O ‘mártir’ governa” de 24 de abril de 2019. A coluna publicada no jornal global El País será analisada segundo as seguintes categorias: 1 - Narrativas jornalísticas (de que forma se assemelha ou se diferencia da narrativa tradicional lead, estrutura da notícia, jornalismo declaratório); 2 – o caráter opinativo do texto (como se diferencia ou não de outras colunas políticas); 3 – elementos empregados do jornalismo literário. O objetivo é averiguar de que forma se dá (se é que isto acontece) a intersecção entre o jornalismo político de Eliane Brum e a fase político-literária do jornalismo.

“O ‘mártir’ governa”

O texto de Eliane Brum parte da repercussão que gerou um dos vídeos de Olavo de Carvalho, no qual o “guru” do presidente aponta que Bolsonaro é impedido de governar pelos militares e por aqueles que não são tão bem-intencionados e limpos quanto ele. O vídeo teve que ser apagado por “pressão da ala militar”. Brum parte de um acontecimento para comentar como o governo tem uma ala de situação e outra de oposição a ele mesmo. Prova disso é que Bolsonaro ao mesmo tempo que criticou seu guru, o elogiou quando foi comentar o vídeo.

No primeiro parágrafo do texto, que é escrito em linguagem distante da literária, responde a todas as perguntas do lead: o quê? “Olavo de Carvalho, o guru do antipresidente Jair Bolsonaro, segue apostando na estratégia de falsificar a realidade”; quem? Olavo de Carvalho; quando? “ao longo dos mais de 100 dias do Governo”, em especial, “no final de semana”; onde? “em vídeo divulgado no canal de Bolsonaro no YouTube”; como? “o escritor tem tentado plantar a mentira de que Bolsonaro estaria sendo impedido de governar”; por quê? “para criar realidades”, mais especificamente a de que “Bolsonaro é um mártir” (BRUM, 2019i).

³ Informações disponíveis em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/politica/1536703299_432497.html> e <<https://premio.comunique-se.com.br/ShowMateria.aspx?idMateria=vPDeoYodhdPm86ZQyVwUxg==>> Acessados em 22 de janeiro de 2019.

A jornalista deixa claro seu posicionamento contrário ao presidente ao usar expressões como “zerodois” para se referir ao segundo filho do presidente, Carlos Bolsonaro, e “antipresidente” para se referir a Jair Bolsonaro. Brum também usa o termo “mártir” adotado por Olavo de Carvalho de forma irônica para criticar ações do presidente, como acontece no parágrafo abaixo:

Na semana passada, o Mártir promoveu um encontro transmitido em uma “live” nas redes sociais, com indígenas escolhidos a dedo, onde assegurou, mais uma vez, que eles são humanos como ele. “Com todo o respeito, alguns querem que vocês fiquem na terra indígena como se fossem um animal pré-histórico. Não é pré-histórico não, vocês são seres humanos. Na minha cabeça tem exatamente o que tem na tua cabeça, o teu coração é igual ao meu coração”, garantiu. Aparentemente os indígenas tinham dúvidas sobre se eram humanos ou não até o Mártir, magnânimo como todo Mártir, esclarecer (BRUM, 2019i).

A estratégia da ironia também é usada na frase: “Mas o Brasil continua sendo uma democracia”, utilizada para finalizar cinco dos 18 parágrafos do texto. A expressão é usada para encerrar parágrafos ou sequências de parágrafos nos quais Brum descreve ações do governo que considera antidemocráticas, como as questões ambientais, um dos focos da jornalista. Variações da frase são usadas por outras sete vezes, demonstrando a insatisfação de Brum com o governo que considera autoritário.

Também neste texto, Brum se apresenta como aquela que vê o que os outros estão ignorando, como acontece na frase “Enquanto o novelão se desenrola, capturando e desviando a atenção do país, o ‘mártir’ governa” (BRUM, 2019i). Porém, os acontecimentos citados por Brum são retirados do noticiário, tanto do El País quanto de outros sites, como do jornal Folha de S. Paulo, como pode ser observado nos hiperlinks usados no texto. Ao todo são 16 hiperlinks, alguns que direcionam às colunas anteriores de Brum, outras a *tags* (como nome de políticos e instituições) e outras a notícias jornalísticas. Os recursos multimidiáticos, por sua vez, são mal aproveitados, uma vez que o texto conta apenas com uma fotografia de Bolsonaro que não faz parte essencial da narrativa.

Percebe-se que há uma duplicidade no texto de Brum. Por um lado, ela faz uma seleção própria das notícias e critica aquela feita pelos demais jornalistas que, para ela, não estão agendando os temas apropriadamente. Por outro, os hiperlinks que levam a outros textos jornalísticos são usados como uma prova auxiliar (TUCHMAN, 1996) do que é dito pela jornalista.

É interessante observar que, neste texto, Brum utiliza as falas de políticos como sua principal fonte, como, segundo Coutinho (2005), é corrente nas colunas políticas. Uma exceção a esta regra é a carta do povo yanomami, que destoa do que os teóricos

construcionistas entendem como fonte oficial. Mesmo assim, nenhuma das pessoas citadas é de fato ouvida por Brum. As fontes utilizadas neste texto são:

Título	Publicação	Fontes
O “mártir” governa	25/04/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Olavo de Carvalho – em vídeo nas redes sociais; 2. “O porta-voz de Bolsonaro” (Otávio Santana do Rêgo Barros) – em declaração; 3. “o filho zeroadois” (Carlos Bolsonaro) – nas redes sociais; 4. “o chanceler do Mártir” (Ernesto Araújo) – não fica claro como Brum obteve a declaração; 5. Jair Bolsonaro – em postagens nas redes sociais; 6. Carta do povo yanomami; 7. “garoto zero três” (Eduardo Bolsonaro) – não fica claro como Brum obteve a declaração; 8. “um evangélico” – em conversa informal.

Fonte: a autora (baseado em dados do El País 2019)

Apesar de usar muitas fontes oficiais, é interessante notar como Eliane Brum se refere a elas. Muitas vezes elas nem mesmo recebem seu nome e sim um apelido, como “garoto zero três” para se referir à Eduardo Bolsonaro. Esses apelidos se repetem mesmo quando as falas das pessoas não são usadas, é o caso de, Ricardo Sales, chamado por ela de “office boy”.

Considerações Finais

Ao fim dessa análise pode-se dizer que Brum fez, de certa forma, uma fusão entre o jornalismo da objetividade e o jornalismo da fase-político literária. Ao mesmo tempo que utiliza fontes oficiais e a estrutura do lead, Brum chama o presidente Jair Bolsonaro de “antipresidente” e “Mártir”, enquanto seus filhos são chamados de “garoto zero três” e “filho zeroadois”, termos próximos aos descritos por Resende (2008) como sendo usados por políticos na fase político-literária do jornalismo explicada por Habermas (1984).

Também como os textos desse período, Brum deixa explícita sua parcialidade quando se trata do governo Bolsonaro. Além disso, a jornalista recorre a um estilo “híbrido entre a atualidade jornalística e a crônica pessoal”, como é típico de outras colunas políticas (ALDÉ *et al*, 2007, p.31), marcado pelas referências ao noticiário político, que também servem como provas de objetividade como descritas por Tuchman (1996).

REFERÊNCIAS

ALDÉ, Alessandra, ESCOBAR, Juliana e CHAGAS, Viktor. A febre dos blogs de política. **Revista FAMECOS**, nº 33, agosto de 2007, p. 29-40.

ARIAS, Juan. **O EL PAÍS é um jornal de esquerda?** El País. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/22/opinion/1487788532_309244.html> Acesso em 24 de junho de 2020.

ATUAL. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos LTDA. 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/atual/>> Acesso em: 27 de abril de 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRUM, Eliane. **A Vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006. 204p.

_____. **O “mártir” governa**. El País. 2019. Disponível em: <<http://bit.ly/2IFqHZs>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo, Editora Àtica, 2007. 216p.

COUTINHO, Iluska. **Colunismo e Poder**: representação nas páginas de Jornal. Rio de Janeiro (RJ): tese, 2005.

FONSECA, Isabel de Assis. **Guinada subjetiva no jornalismo**: um olhar opaco em direção às narrativas da repórter Eliane Brum. In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Manaus, 4-7, set. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/r8-0287-1.pdf>> Acesso em: 3 de agosto de 2016.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

JIMÉNEZ, Carla. **O EL PAÍS vai mudar, para melhor**. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-05-01/o-el-pais-vai-mudar-para-melhor.html>> Acesso em 29 de junho de 2020.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985. 166p.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. 142p.

RESENDE, Edna Maria. **Ecos do liberalismo**: ideários e vivências das elites regionais no processo de construção do Estado imperial, Barbacena (1831-1840). Tese (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFMG. Belo Horizonte, 2008.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. Cotia: Ateliê Editorial, 2001. 162p.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. 1972. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: Questões, Teorias e “Estórias”. Lisboa: Vega Editora, 1996.

VIVAR, Jesús Miguel Flores e ABIB, Tayane Aidar. O expediente da argumentação no jornalismo de Eliane Brum: análise de suas colunas ao El País Brasil. **Comunicação & Inovação**, revista online, v. 19, nº40, 2018. Disponível em: <https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5175/2471> Acesso em 24 de junho de 2020.